

O LÚDICO E A APRENDIZAGEM: O DESENHO ANIMADO NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO

Maria Nahir Batista Ferreira Torres (*Universidade Estadual do Ceará e-mail: nahir701@hotmail.com*);
Elane da Silva Barbosa (*Universidade Estadual do Ceará e-mail: elane@fvj.br*); Márcia Jaíne
Campelo Chaves (*Universidade Estadual do Ceará e-mail: jainne.campelo@hotmail*)

Resumo: É desafiador para o professor trabalhar uma disciplina cujos alunos, antes mesmo de cursá-la, já têm imagens negativas previamente concebidas. Isso demanda a necessidade de pensar estratégias metodológicas diferenciadas que instiguem e dinamizem ainda mais o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, uma das estratégias a serem exploradas é o desenho animado, que, além de trazer à tona o lúdico, possibilita uma análise contextual e crítica da realidade enfocada. Sob essa perspectiva, o presente estudo objetiva relatar a experiência da utilização do desenho animado como estratégia metodológica na disciplina de *Bases da Sistematização de Enfermagem* no curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ, em Aracati-Ceará. Constitui-se em pesquisa qualitativa, do tipo relato de experiência que visa descrever as concepções, as vivências, as percepções, a subjetividade acerca dessa experiência docente. Foi trabalhado o desenho animado do Gaguinho, porque é um dos desenhos de maior sucesso, além de ter sido um dos primeiros a serem criados pela *Warner Bros*. Ante essa nossa escolha, decidimos exibir o *Testamento de Tio Solly*, porque possibilitaria o estabelecimento de alguns diagnósticos de Enfermagem do Gaguinho. Esse personagem caracteriza-se por ser um porco tímido, medroso, ingênuo, o que às vezes leva a uma nuance cômica das suas ações. Os alunos, ao serem convidados a assistir o episódio desse desenho animado, mostraram-se resistentes, inclusive duvidando de que, por meio dele, poderia ser trabalhado o conteúdo proposto. No entanto, mediante as explicações acerca da atividade que seria desenvolvida a partir do desenho, aceitaram o desafio. Durante a exibição do episódio, mostraram-se atentos e descontraídos e, ao final, conseguiram elaborar os diagnósticos partindo da situação do Gaguinho. Constata-se, portanto, que o desenho animado, dentre outras estratégias lúdicas, podem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais prazeroso, interativo e dinâmico.

Palavras-chave: Desenho animado, Enfermagem, Ensino-aprendizagem.

Introdução

Bases da Sistematização de Enfermagem trata-se de disciplina ministrada no 6º período do curso de Enfermagem da Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ, com 80 horas/aula, as quais se organizam em 60 teóricas e 20 práticas. Propõe-se a abordar a Sistematização da Assistência de Enfermagem – SAE como um instrumento/uma estratégia a ser utilizada na produção do cuidado em Enfermagem. Sendo assim, a disciplina almeja possibilitar aos alunos compreender o objetivo da SAE, entendendo suas etapas e propiciando subsídios para que sejam capazes de operacionalizá-la; produzindo, assim, um cuidado individual, singularizado e integral a cada sujeito.

Configura-se numa disciplina pela qual parcela considerável dos discentes demonstra resistência, quer seja por considerá-la difícil, já que vai necessitar de muitas leituras, interpretações e reflexões, quer seja por não conseguir vislumbrar ainda sua concretização nas instituições de saúde, quer seja pela complexidade dos

conteúdos abordados que vai requer conhecimentos oriundos de outras disciplinas, tais como: História da Enfermagem, Anatomia, Fisiologia, Ética e Bioética na Enfermagem, Semiologia e Semiotécnica, dentre outros motivos.

Nesse sentido, é um desafio para o professor trabalhar uma disciplina cujos alunos, antes mesmo de cursá-la, já têm imagens negativas previamente concebidas. Isso porque, como diz Freire (2005), se não nos sentimos mobilizados no processo de ensino-aprendizagem, os conhecimentos construídos não serão capazes de transformar a nossa realidade.

Sendo assim, (re)pensar os aspectos didáticos que perpassam as aulas constitui-se numa estratégia pertinente na tentativa de estudar o processo de ensino e aprendizagem na sua completude, isto é, seus objetivos, conteúdos, metodologias e avaliações, de modo a compreender como essas dimensões podem se relacionar melhor de modo a possibilitar aos alunos a produção de conhecimentos significativos (LIBÂNEO, 2002).

Imbuídos desse pensamento, focamos numa das nuances da Didática: as estratégias metodológicas, na perspectiva de que nos auxiliassem a trabalhar os assuntos em sala de aula, de forma criativa, lúdica, dinâmica e estimuladora, despertando e estimulando o desejo de aprender dos acadêmicos de Enfermagem.

Como recurso didático, decidimos utilizar o desenho animado. Acreditamos que o desenho sempre chama atenção, porque trabalha com a leveza e a magia das imagens em ação. Como mencionam Siqueira (2002) e Vasconcellos (2015), o desenho é um filme animado, que pode até não trazer personagens em carne e osso, mas também trabalha com o imaginário de cada pessoa, a partir do roteiro, da trilha sonora, da trama e dos personagens, não só da faixa etária infantil ou adolescente, mas também dos adultos.

Nesse sentido, fazemos nossas as palavras de Mesquita e Soares (2008) ao nos fazerem refletir que o desenho animado podem tornar-se uma estratégia metodológica a ser utilizada em sala de aula, a fim de tornar o processo de construção de conhecimentos mais lúdico e dinâmico. Isso não significa que o professor vai negar outros tipos de aula: expositivas, dialogadas, com realização de trabalhos. Devemos vislumbrá-lo como mais uma estratégia que pode ser utilizada em sala de aula; contribuindo, assim, para a aprendizagem dos estudantes. Tanto que vem surgindo alguns estudos que relatam a utilização do desenho animado para a abordagem de assuntos diversos em sala de aula: como fonte histórica, ao possibilitar a análise do contexto em que foi produzido e como isso é retratado no próprio enredo (VASCONCELLOS, 2015) e como estratégia

para problematizar o debate sobre a concepção de ciência, a produção do conhecimento científico, a construção da relação saber/poder (MESQUITA; SOARES, 2008; SIQUEIRA, 2002)

Sob essa perspectiva, o presente estudo objetiva relatar a experiência da utilização do desenho animado como estratégia metodológica na disciplina de *Bases da Sistematização de Enfermagem* no curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ, em Aracati-Ceará.

Metodologia

Constitui-se em pesquisa qualitativa e descritiva, pois visa descrever, expor, detalhar as concepções, as vivências, as percepções, a subjetividade (MINAYO, 2001) acerca da nossa experiência em utilizar o desenho animado como recurso didático na disciplina de *Bases da Sistematização da Enfermagem*.

Para tanto, propomo-nos a utilizar o relato de experiência como estratégia que nos permitirá narrar os nossos aprendizados e as nossas impressões sobre as contribuições do desenho animado na disciplina citada anteriormente e, dessa forma, estender a reflexão sobre como esse recurso lúdico pode contribuir para a formação do enfermeiro.

A opção pela utilização do desenho animado se deu por alguns motivos. Em primeiro lugar, certa vez, ficamos observando como o desenho animado construía uma determinada representação acerca do processo saúde-doença. Então, começamos a cogitar a possibilidade de utilizar o desenho animado. Não só, como nos diz Siqueira (2012), pelo caráter lúdico, sendo compreendido também como entretenimento e diversão, mas também como veículo que constrói concepções e visões de mundo, sob diferentes perspectivas: econômica, social, cultural, histórica, entre outras. Como ratifica Magno (2003): o uso do desenho animado surge como alternativa para a prática de exercícios em sala de aula, entendendo que, atualmente, há uma crise do ensino e, ao mesmo tempo, o surgimento de inúmeras possibilidades que a sala de aula pode nos propiciar.

Também identificamos que, nos últimos anos, vêm crescendo os artigos publicados acerca da utilização do desenho, particularmente as áreas da educação e da psicologia (SILVA; AQUILERA, 2015). Isso nos incentivou a trabalhar o desenho animado, agora, na Enfermagem, tentando estimular as pesquisas sobre a temática.

Inicialmente, pesquisamos, em sites, desenhos que apresentassem, em seus episódios, questões relacionadas à saúde. Identificamos alguns

deles, tais como: Gaguinho; Patolino; Popeye; Piu-Piu e Frajola e Taz. Optamos por trabalhar com o desenho animado do Gaguinho, porque é um dos desenhos de maior sucesso, além de ter sido um dos primeiros desenhos criados pela *Warner Bros*.

Ante essa nossa escolha, tivemos que decidir que episódio exibir em nossa aula. Para tanto, visitamos o *Youtube* que disponibiliza *online* vários episódios do desenho do Gaguinho. Optamos por assistir os três episódios mais visualizados e, dentre eles, nos chamou atenção o episódio aqui utilizado denominado de *Testamento de Tio Solly*, porque possibilitaria o estabelecimento de alguns diagnósticos de Enfermagem do personagem principal, o Gaguinho.

Assistimos mais uma vez o desenho animado, tentando, agora, perceber que problemas de saúde poderiam ser identificados e, assim, previamente, antes de exibirmos o desenho para os alunos, já ter conhecimento de que diagnósticos de Enfermagem poderiam ser formulados.

No dia da nossa aula, em primeiro lugar, trabalhamos o conteúdo teórico acerca dos aspectos históricos, conceito, estrutura e formulação dos diagnósticos de Enfermagem. Depois, como forma de ilustrar e, ao mesmo tempo, despertar o interesse e a atenção dos estudantes para exercitar a elaboração de diagnósticos, exibimos o desenho animado. Após assistirem o episódio do Gaguinho, solicitamos que se organizassem em grupo e, com auxílio do NANDA (2015), tentasse elaborar quantos diagnósticos fosse possível. Em seguida, os alunos socializaram os diagnósticos identificados e foi questionado que avaliassem como foi a dinâmica da aula naquela ocasião.

Foi proposital que, combinamos nessa aula, diferentes perspectivas metodológicas: aula expositiva dialogada e exibição e discussão sobre o desenho animado. Corroboramos com o pensamento de Mesquita e Soares (2008), com a finalidade de tornar a aula mais lúdica e dinâmica, o desenho pode ser utilizado. Isso não significa que o professor vai negar outros tipos de aula: expositivas, dialogadas, com realização de trabalhos, apresentação de seminários, etc. É apenas mais um recurso didático a ser utilizado em sala de aula.

Resultados e discussões

A fim de apresentar de forma sistemática a análise dos dados, construímos as seguintes categorias: *Conhecendo o personagem Gaguinho*, na qual apresentamos um breve perfil do personagem e relatamos a trama do episódio exibido e *Elaborando os diagnósticos de Enfermagem do Gaguinho*, em que relatamos a reação dos alunos ante a utilização do desenho animado na disciplina, que diagnósticos foram

elaborados e como foi a experiência de ensinar-aprender nessa oportunidade.

Conhecendo o personagem Gaguinho

O personagem Gaguinho, que originalmente no inglês tem o nome de *Porky Pig*, foi criado pela *Warner Bros.*, estrelando no ano de 1935 o filme *I haven't got a hat*, dirigido por Friz Freleng. A aparição desse personagem marca uma nova época nas produções da Warner, já que se tratou da primeira animação que caracterizava o perfil psicológico de um personagem, aspecto antes inexplorado e que se tornaria, mais tarde, uma característica emblemática da série looney tunes: a personalidade de seus personagens (COSTA, 2008).

Gaguinho caracteriza-se por ser um porco tímido, medroso, ingênuo que às vezes leva a uma nuance cômica das suas ações. Nos episódios, aparece sempre envolvido com situações do dia a dia. Mas, sem dúvida, a sua marca registrada é a dificuldade de expressar o que pensa, de formular frases, de estabelecer um diálogo, ou seja, sua gagueira. Daí, o nome do personagem. Ele aparece em alguns filmes ao lado de outras célebres personalidades, como: o Patolino, o Pernalonga e o Frajola (COSTA, 2008).

Há relatos de que a própria equipe de criação se surpreendeu com a popularidade alcançada pelo desenho num curto período de tempo. Durante 5 anos consecutivos, de 1935 a 1940, foram produzidos 15 desenhos anualmente. Um feito antes não alcançado (COSTA, 2008).

O episódio exibido em sala de aula foi *Testamento do Tio Solly* que trata da morte do personagem que dá nome ao episódio. Então, Gaguinho e os outros primos são chamados a se reunir na casa do parente falecido, a fim de procederem à leitura do testamento. O tio deixa os bens como herança para os sobrinhos. No entanto, caso acontecesse alguma coisa a eles, suas riquezas ficariam para o seu amigo, que é advogado e está justamente tratando da leitura do testamento. No entanto, o representante da lei tenta de todas as formas amedrontar e fazer mal para os sobrinhos do falecido amigo, de modo que não pudessem receber a herança.

Elaborando os diagnósticos de Enfermagem do Gaguinho

Ao convidarmos os alunos para assistirem conosco o desenho animado, imediatamente, percebemos que eles acharam muito inusitada aquela proposta. Ficavam rindo e com expressões faciais que diziam: “um desenho animado na faculdade?”; “o que tem a ver um desenho na disciplina de SAE?”; “isso vai ser só uma perda de tempo!”. E outros mais corajosos chegaram a dizer para os colegas, em tom

de ironia: “vim para aula para assistir desenho animado”, ou ainda: “vou tirar uma foto para mostrar ao meu pai, para que ele paga a faculdade, para eu assistir desenho animado...”

Confessamos que, nessa hora, sentimo-nos inseguros, temerosos, com vontade de retroceder e não exibir mais o desenho, porque imaginávamos estar sendo mal compreendidas e até mesmo ficamos receosos de que pensassem que estávamos apenas utilizando aquele recurso como uma forma de “gastar” o tempo da aula. Entretanto, o desejo de apostar no novo falou mais alto e exibimos o episódio.

Os alunos ficaram atentos durante todo o desenho, embarcando na história, sentindo apreensão em alguns momentos, divertindo-se noutros. Como afirma Vasconcellos (2015, p. 114): “O importante é compreender que o objetivo dessas obras é seduzir, fascinar, emocionar, comover e provocar empatia no espectador a fim de que este compactue com o que está acontecendo”.

Esse ato de compactuar com aquilo que está acontecendo torna-se imprescindível no processo ensino e aprendizagem. Não há, pois, como construirmos conhecimentos se não existir uma relação de dialogicidade entre professor e aluno. Só com a aproximação da realidade do aluno à realidade do conteúdo trabalhado em sala de aula, a produção do conhecimento se tornará mais atrativa e, assim, teremos mais subsídios para transformar a realidade (MESQUITA; SOARES, 2008).

Em seguida, solicitamos aos alunos que elaborassem diagnósticos de Enfermagem a partir do estado apresentado pelo personagem Gaguinho. Nesse instante, alguns disseram que seria uma tarefa muito complicada elaborar os diagnósticos. Outros disseram que seria bastante divertido. É certo dizer que, com o desenrolar da atividade, todos interagiram e aceitaram o desafio de elaborar os diagnósticos.

Interessante destacarmos que, quando pensamos em exibir esse desenho, elaboramos previamente três diagnósticos relacionados ao medo, à dificuldade de se expressar e ao excesso de peso. No entanto, para a nossa surpresa, os alunos não só elaboraram esses diagnósticos assim como formularam mais dois referentes à ansiedade e dificuldade enfrentar uma situação. Eis o quadro que apresenta os diagnósticos elaborados pelos alunos:

Quadro 1: Apresentação dos diagnósticos de Enfermagem elaborados pelos alunos a partir da apresentação do desenho do Gaguinho, Aracati-Ceará, 2016.

DIAGNÓSTICOS DE ENFERMAGEM

Medo relacionado a estímulo fóbico, evidenciado por estado de alerta aumentado, contração muscular e dilatação pupilar.

Ansiedade relacionada à morte relacionada à experiência de quase morte, evidenciada pelo medo do processo de morrer.
Comunicação verbal prejudicada, relacionada à condição fisiológica, evidenciada por gagueira.
Enfrentamento ineficaz, relacionado à confiança de lidar com a situação, evidenciado pela incapacidade de lidar com a situação.
Sobrepeso, relacionado à atividade média diária é menor que a recomendada para o gênero e idade, evidenciado por IMC > 25.

Fonte: Dados organizados pelas autoras, com base nas respostas dos alunos (2016).

Observamos que o número de diagnósticos elaborados pelos estudantes variou. Alguns conseguiram formular apenas; outros, entretanto, chegaram a elaborar cinco. Percebemos que, em média, cada um conseguiu elaborar dois diagnósticos. Entendemos que o mais importante não foi a quantidade de diagnósticos elaborados, e sim o engajamento que os discentes tiveram com a atividade, exercitando-se sobre o assunto, tirando as dúvidas, compartilhando conhecimentos com os colegas. Identificamos, assim, que toda a turma ficou estimulada a realizar o exercício proposto, o que, certamente, contribuiu para a aprendizagem dos assuntos.

Considerações finais

Em meio a tantas inovações, informações disseminadas, correria do dia a dia e a necessidade de conhecimentos a serem construídos, o universo da sala de aula torna-se ainda mais desafiador para o professor, o qual deve aliar criatividade e dinamicidade com conteúdo e reflexividade.

Essa situação torna-se ainda mais desafiadora para o docente quando a disciplina a ser lecionada já tem uma resistência por parte dos alunos que a concebem como um tema complicado de ser compreendido ou ainda de ser vivenciado na sua futura rotina profissional. Nesse contexto, os saberes oriundos da Didática podem constituir-se enquanto uma estratégia para intervir nessa realidade. Voltamo-nos, particularmente, para os recursos metodológicos, que podem possibilitar uma abordagem estimulante do conteúdo em sala de aula.

Sob essa perspectiva, optamos por apostar na utilização do desenho animado na disciplina de *Bases da Sistematização da Enfermagem*, ministrada no curso de Bacharelado em Enfermagem. Ao exibirmos um episódio do desenho animado do Gaguinho, na temática de elaboração dos diagnósticos de Enfermagem, os estudantes tiveram a oportunidade de construir conhecimentos, de forma mais lúdica, leve e dinâmica, sentindo-se mais motivados para estudar esse tema.

Essa experiência possibilitou-nos perceber, então, que sala de aula também pode significar diversão, alegria, prazer, que aprende-

ensinar não precisa ser um processo marcado apenas pela dor, renúncia, sofrimento. Historicamente, ensinaram-nos (e ainda nos ensinam) que só poderemos aprender com base em restrições, ansiedades, múltiplas abdições, no claustro isolado do mundo, só nós mesmos e os livros. Claro que precisamos desses momentos de solidão. De produção com, por e para nós mesmos. No entanto, há muita coisa a ser compartilhada. Há muita coisa a ser aprendida junta, com o outro. Há muitos conhecimentos que podem nos arrancar não apenas noites mal dormidas, mas também sorrisos e, principalmente, uma nova forma de ver, ouvir e sentir a existência humana. Ou melhor, como diz Morin (2003), a percepção da vida que há nos conhecimentos e dos conhecimentos que há na vida.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Alexandre Ferreira. Pelos bastidores da história: *Looney Tunes* - arte e estilo. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.10, n. 13, p. 57-80, 2008. Disponível em: <http://www.redib.org/recursos/Record/oai_articulo570782-bastidores-historia-looney-tunes--arte-estilo>. Acesso em: 25 mar. 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: velhos e novos temas. São Paulo: edição do autor, 2002.
- MAGNO, Maria Ignês Carlos. O desenho animado em sala de aula. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 27, p. 105-109, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37498>>. Acesso em: 25 mar. 2015.
- MAGNO, Maria Ignês Carlos. O desenho animado em sala de aula. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 27, 2003, p. 105-109. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37498>>. Acesso em: 25 mar. 2016.
- MESQUITA, Nyuara Araújo da Silva; SOARES, Marlón Hebert Flora Barbosa. Visões de ciência em desenhos animados: uma alternativa para o debate sobre a construção do conhecimento científico em sala de aula. **Ciência & Educação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 417-429, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132008000300004>. Acesso em: 25 mar. 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NANDA. **Diagnósticos de Enfermagem**: definições e classificação, 2015-2017. Artmed: Porto Alegre, 2015.

SILVA, Mayara Darília Santos; AQUILERA, Fernanda. A influência dos desenhos animados no comportamento de crianças ao brincar – uma revisão. **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras, v. 5, n. 11, p. 104-117, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rle/article/view/21348/pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Ciência e poder no universo simbólico do desenho animado. In: MASSARANI, Luísa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fatima. **Ciência e Público**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

VASCONCELLOS, Andréa Colin. Desenho animado, uma fonte histórica. **Encontros**, São Paulo, n. 24, p. 112 – 125, 2015. Disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/view/418>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

